

CASAR E NÃO TER FILHOS: O QUE MOTIVA CASAIS A TOMAREM ESSA DECISÃO?

Brenda Nathalie Oliveira de Souza*

Camila Campos Marçal da Cruz*

RESUMO

Os conceitos sobre o que é família e sobre ter filhos, que outrora eram tidos como certos e dominantes nas civilizações, estão sofrendo transformações ao longo dos anos. Entretanto, mesmo com tais mudanças, sair desses padrões ainda é visto como algo excêntrico, cultural e socialmente. Pensando nisso, a pergunta que norteia essa pesquisa é: quais os motivos que levam casais heterossexuais, residentes em Sete Lagoas, Minas Gerais, à opção, voluntária, de não ter filhos? Intencionou-se com essa pesquisa compreender quais são os motivos que levam esses casais a tomarem tal decisão. Foram destacadas as configurações familiares, a interação desses casais com seu meio social e a visão individual dos cônjuges sobre a escolha. Além disso, sustentados pela psicologia fenomenológica existencial, propõe-se compreender qual a contribuição que a psicologia pode oferecer às pessoas que atravessam esse processo de optar por não ter filhos. Essa pesquisa descritiva teve como método a realização de uma pesquisa de campo, em que foi utilizado como ferramenta para a coleta de dados a entrevista semiestruturada. Para interpretação e categorização dos resultados obtidos, foram aplicadas a Análise de Conteúdo de Bardin (2011). A presente pesquisa, portanto, contribuiu para ampliar a compreensão acerca das recentes configurações na família, bem como propiciar uma reflexão acerca das razões e dificuldades enfrentadas por aqueles que não se veem representados nos estereótipos de família da nossa sociedade.

Palavras-Chave: Casais sem filhos. Novas configurações familiares. Contemporaneidade.

ABSTRACT

The concepts about what Family is and about having children, which once were said to be right e dominating in civilizations, are suffering transformation along the years. However, even though with such changings, leaving these standards is still viewed as something eccentric, cultural and socially. Thinking about it, the question that leads this research is: what are the reasons that lead heterosexual couples, residents in Sete Lagoas, Minas Gerais, to the voluntary option of not having children? It is intended with this research to understand what are the reasons that lead these couples to take this decision. The familiar settings were highlighted, the interaction of these couples with their social environment and the individual opinion of the spouses about the choice. Furthermore, sustained by the phenomenological existential psychology, is intended to understand what is the contribution that the psychology can offer to the people who go through this process of opting by not having children. This descriptive research had as method the conducting of a field research, which was used as a tool for to the collect the data the half structured. For interpretation and categorization of the obtained, was applied the Content Analyze of Bardin (2011). The present research, therefore, has contributed to amplify the understanding about the recent familiar settings, as well to provide a reflection about the reasons and difficulties faced by those who do not see themselves represented on the stereotypes of family in our society.

Keywords: Couples without children. New familiar settings. Contemporaneity

1 INTRODUÇÃO

* Graduada em Psicologia na Faculdade Ciências da Vida – Sete Lagoas, E-mail: brenda7lagoas@gmail.com.

** Bacharel em Psicologia e Mestre em Ciências da Religião pela PUC-MG e Docente do Curso de Psicologia da Faculdade Ciências da Vida (FCV)/Sete Lagoas-MG. E-mail: camilacamposmarcaldacruz@hotmail.com.

No decorrer da história, o anseio pela geração de descendentes e o entendimento sobre o que é família passaram por uma expressiva modificação. Antigamente, as regras sociais ditavam que os casados deveriam ter prole. Todavia, o que se vê atualmente é que o projeto de serem pais passou a ser adiado ou até mesmo a não existir para muitos casais. Em uma sociedade que romantiza a maternidade e que não compreende bem o desejo de não ter filhos, é árduo manter essa decisão (CAETANO; MARTINS; MOTTA, 2016).

Porém, apesar das emergentes mudanças nas configurações familiares, existe uma lacuna de artigos científicos que abordam a respeito de casais que não querem ter filhos; e essa escolha por ser uma família sem filhos é percebida com muito preconceito pela sociedade. Sendo assim, essa pesquisa justifica-se pela carência de estudos sobre o tema e pela necessidade, por parte dos profissionais de psicologia, de compreender a singularidade e os motivadores desses casais, para que possam ser melhor acolhidos e orientados em suas angústias e necessidades, bem como para melhor compreensão das mudanças e características da sociedade.

Diante disso, interroga-se sobre, quais os motivos que levam casais heterossexuais, residentes em Sete Lagoas/MG, à opção, voluntária, de não ter filhos. O objetivo principal deste estudo foi compreender quais são as motivações que fazem com que casais heterossexuais optem, voluntariamente, por não ter filhos. Para tanto, os objetivos específicos foram: apresentar as características das configurações familiares da sociedade ao longo do tempo; analisar a influência do processo de modernização nos modos de viver e se relacionar da atualidade e, por fim, discorrer sobre como a psicologia fenomenológica existencial percebe e pode contribuir com esse tema.

Para o alcance do objetivo proposto, utilizou-se como metodologia a realização de uma busca teórica que respondesse aos objetivos específicos, seguida de uma pesquisa de campo, realizada através de uma entrevista presencial semiestruturada, com o intuito de conseguir compreender melhor as motivações de cada casal para tomar essa decisão. Participaram da pesquisa, de forma voluntária, cinco casais residentes na cidade de Sete Lagoas-MG, sendo realizadas 10 entrevistas individuais.

Fizeram parte do universo de pesquisa casais heterossexuais, residentes na cidade de Sete Lagoas que não desejam ter filhos. Os participantes foram devidamente informados sobre o intuito da pesquisa mediante a leitura e assinatura do Termo Livre e Esclarecido. As entrevistas foram avaliadas seguindo a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Depois que foram analisadas, emergiram as seguintes categorias: (a) Família: Existe um

modelo? (b) Mãe-Pai: Ser ou não ser? e por fim, (c) Opinião dos outros? Não ligo muito, não-Será?

Dentre os resultados alcançados, pode-se dizer que os casais partícipes da pesquisa mantêm de forma rígida a escolha de não ter filho. Contudo, foi possível compreender que apesar da total autonomia exercida de forma conjunta e individual pela opção, há um movimento por parte da sociedade na tentativa de influenciar uma possível mudança de opinião dos casais, baseada na premissa de que uma família é formada por pai, mãe e filho (os) e que só assim essa instituição estará completa. Além disso, a instabilidade financeira também se apresentou como um motivador para tal decisão. E por fim, surgiram resultados que demonstraram receios em ter um filho por considerarem a impossibilidade de controlar as escolhas destes.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONFIGURAÇÕES FAMILIARES

Entende-se como família o berço social em que o ser está inserido, sendo este o responsável por prover aquilo que é necessário para que o ser desenvolva-se plenamente; sendo essas necessidades físicas, emocionais e psicológicas (AREOSA; BULLA, 2015). O conceito de família tem sido transformado com o decorrer do tempo, saindo da definição de que família é formada por pais e filhos somente, e alcançando sentido mais amplo e moderno. Acontecimentos como as duas guerras mundiais, os movimentos a favor da mulher e a inserção desta no mercado de trabalho, contribuíram para que, a partir da década de 60, surgisse um novo estilo de família, nomeada de contemporânea ou pós-moderna (NETO; RAMOS; SILVEIRA, 2016).

No começo da revolução industrial (século XVII), houve a necessidade de segregação do espaço público e do privado, tendo a família a responsabilidade de transformar crianças em trabalhadores e cidadãos, sendo este modelo o chamado patriarcal, pois o pai exercia a autoridade máxima dentro de um lar, além de carregar a incumbência de prover o sustento da família. Será que o objetivo da família continua sendo criar trabalhadores?

Segundo Pereira (2016), estudos antropológicos e psicanalíticos mostram que o conceito de família não está ligado somente ao âmbito biológico, mas também ao cultural. Por isso a necessidade de constante mudança dele, com o intuito de se moldar à evolução das

carências físicas e emocionais que as pessoas têm passado. Isso demonstra que, hodiernamente, a família não está preocupada com a simples transferência de posses ou perpetuação de uma dinastia, mas está centrada nas relações afetivas que são desenvolvidas entre as pessoas, sejam consanguíneas ou não.

Ademais, outro aspecto que merece destaque na discussão deste assunto, é que ter filhos já foi considerado sinônimo de saudabilidade do casal e do casamento, o que pode ter levado casais a terem filhos numa tentativa de demonstrar para a sociedade que tudo corria bem para eles e não como fruto do desejo de serem pais e se dedicarem aos cuidados que uma criança exige (FINELLI; SILVA; AMARAL, 2015).

2.2 CASAIS SEM FILHOS POR OPÇÃO

O processo de modernização trouxe grandes evoluções tecnológicas para a sociedade; mas como acontece em quase todo tipo de mudança, trouxe também novas configurações na vida das pessoas. No que diz respeito à estrutura, a família tinha como modelo os casais heteronormativos, onde a figura masculina era tida como representante do poder máximo e também como provedor, enquanto a figura feminina era responsável pelo cuidado da casa e da família (CAETANO; MARTINS; MOTTA, 2016).

Monteiro (2015), afirma que de modo similar, a sociedade ocidental, imersa em uma cultura cristã, estabeleceu papéis sociais nos quais existia um modelo de como a mulher deveria ser: comportada, submissa e reconhecadora do seu papel na família e na sociedade. Ainda, de acordo com o autor, esse modelo ideal de mulher, foi muito bem representado através da literatura brasileira. Apenas para citar um exemplo clássico das obras de Machado de Assis em que a mulher ideal é retratada, tem-se o conto Helena, onde o autor destaca a protagonista, que dá nome ao conto, como sendo uma mulher romântica, idealizadora, submissa e ligada ao patriarcalismo; comportamentos que vêm sendo questionados na atualidade.

Com o advento da pílula contraceptiva, a sociedade dava sinais de transmutação com relação aos estereótipos do papel feminino, dando às mulheres o poder de escolha sobre ter ou não os filhos - ainda que fossem vítimas de preconceitos e julgamentos pela decisão. Tal alteração foi muito importante para elas, visto que, além de desvincular o “prazer” da “procriação”, deu a elas mais liberdade e autonomia para que pudessem se tornar mais independentes, através do trabalho ou do desenvolvimento acadêmico (GRADVOHL, 2015).

Seguindo essa trilha de alterações na sociedade e nos desejos individuais, é possível observar o crescente aumento na quantidade de homens e mulheres que escolhem não ter filhos. Os motivos para tal decisão podem ser vários, indo desde a projeção de se ter um emprego melhor com maior remuneração, obtenção de títulos acadêmicos e passando até mesmo pelo medo de não conseguir subsidiar todas as necessidades de uma criança - especialmente para aqueles que vivem em grandes centros urbanos (CAETANO; MARTINS; MOTTA, 2016). Outros quesitos que podem ter influência nessa decisão, são: o medo de que a criança nasça com alguma necessidade especial e os pais não consigam arcar com os cuidados; a carência do apoio familiar e social para cuidar do filho; a diminuição no tempo/energia/dinheiro, que antes, estavam direcionados totalmente para o relacionamento e/ou necessidades individuais do casal, entre outros motivos (BERNADI; CARNEIRO; MAGALHÃES, 2018).

Ter filhos provoca uma série de mudanças na rotina de um casal, exigindo que este, muitas vezes, precise abrir mão de alguns sonhos e projetos, para que possa se dedicar às necessidades que o cuidado com uma criança lhes impõe. Outrossim, a sociedade e o governo, movidos pela responsabilidade social de garantir os direitos de todas as crianças, oferecem “benefícios” para famílias que possuem filhos e, estes benefícios, mesmo quando têm seus motivos claramente explicitados em torno do estatuto da criança, podem ser compreendidos pelos casais sem filhos como um “privilégio” do “casal” que possui filhos, gerando um sentimento de serem desfavorecidos pela sociedade.

Outro fator importante a ser observado são as exigências, muitas vezes contraditórias da sociedade em torno do que se espera de casais adultos. Ao mesmo tempo em que existe uma valorização da família que se forma a partir do modelo heteronormativo com filhos, existe pouca iniciativa do Estado para garantir que esses adultos tenham recursos e condições de oferecer às crianças tudo que elas precisam para se desenvolverem. Ou seja, valoriza-se a família de “propaganda de margarina”, mas os custos disso são jogados exclusivamente para os familiares. Exige-se do casal o investimento em aperfeiçoamento profissional, que cuidem das suas carreiras e dediquem seu tempo a garantir o futuro da sua família, concomitantemente culpa-se essas mesmas famílias de não terem tempo para cuidarem dos seus próprios filhos, terceirizando a educação e até mesmo a afetividade deles (BERNARDI, 2018).

Porém, paradoxalmente a isso, percebe-se que, aqueles casais que percebem tal contradição e optam por não terem filhos, são julgados de maneira negativa pela sociedade em geral. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE), no Brasil, ainda é maior o

número de casais que optam por ter filhos, em detrimento daqueles que não querem. Ainda assim, observa-se um aumento na tendência dos casais em postergar ou até mesmo negar a chegada de filhos. Segundo o IBGE (2015), famílias compostas por casais com filhos estão diminuindo. Em 2002, por exemplo, 52,7% dos casais tinham filhos, sendo que houve uma queda para 45% no ano de 2012. Este declínio corrobora com o conceito de mudança na estrutura familiar e o poder de escolha que as pessoas têm em não aceitar imposição de parentes ou da sociedade no que tange o planejamento familiar.

2.3 CASAIS SEM FILHOS POR OPÇÃO: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL.

O termo fenomenologia é oriundo do vocábulo “fenômeno”, podendo ser traduzido como “o que aparece”, ou ainda, como “faísca”. Juntando-se essa palavra, ao termo “logos” (que significa razão), obtém-se algo como: “compreensão do que aparece”. Tomando por base a explicação deste conceito, juntamente com os autores M Heidegger, J. P. Sartre, A. H. Fonseca, entre alguns outros, pode-se inferir que fenomenologia é o estudo da relação de consciência de o mundo, que não existe de forma individual, mas está sempre em harmonia com o meio (CORDEIRO; LIMA, 2016).

Após duas guerras mundiais, alguns países - principalmente europeus - tiveram sua população reduzida; inúmeras famílias foram segregadas e, com isso, cresceu a falta de esperança e a sensação de inutilidade. Neste contexto, surgiu um movimento racional que objetivava alcançar as pessoas que foram atingidas e sofreram com esses conflitos- o Existencialismo. Sartre, um de seus maiores representantes, defende o pensamento de que o homem é responsável por suas atitudes e por tudo aquilo que é feito com ele; ou seja, possui o livre-arbítrio para decidir quais atitudes ter mediante às opções que lhes são dadas pelo ambiente (CORDEIRO; LIMA, 2016). Para Pereira e Melo (2015), no pensamento existencialista de Sartre não existe determinismo pairando sobre o ser humano, todos possuem liberdade e, qualquer investida de determinismo, não passa de má-fé. O homem vive de escolhas, e é a partir delas que ele mostra sua presença no mundo. Sendo que, antes de tudo, ele existe e no decorrer do processo de existência, passa a ser e a produzir sua essência.

O homem é um ser-Para-si, indagador e questionador, que é impressionado pela subjetividade e realidade; desta forma, a busca pelo reconhecimento da lógica das coisas se dá de maneira efetiva no homem. Sendo esse ser um eterno inconformado, ele está sempre em

busca de transpor suas próprias barreiras; ou seja, nunca está estático, mas ao contrário, está em movimento contínuo; sendo que a liberdade humana pode ser definida como incompletude, atividade e imprecisão; fomentando-se o desejo do Nada (PEREIRA; MELO, 2015).

Sartre (1987), também discorre que o homem tem liberdade para tomar suas próprias decisões, sendo que esta autonomia poderá ser acompanhada do nascimento da sensação de angústia. Esta sensação traz a veracidade de um ser truncado; sendo ele o autor de sua vida, porém incapacitado de fazê-la perfeita. Ou seja, ao indivíduo está incumbida a responsabilidade de organizar sua vida e os métodos para o alcance do futuro desejado. A tentativa de fuga dessas escolhas é inútil, pois essa atitude, por si só, já é uma escolha. Concomitantemente a esse livre-arbítrio, surge a atormentação de existência; ou seja, cada um sofre a responsabilidade de ter que optar toda vez que o meio e a vida o colocam em um leque de caminhos que precisa escolher. Assim, sua postura pode oscilar entre recuar, acomodar, aceitar ou lutar com uma situação qualquer (PEREIRA; MELO, 2015).

Todavia, qualquer decisão resultará em perda, e o homem sempre será o responsável por elas, cabendo a ele o papel de assumi-las (SARTRE, 1987). Não se pode culpar terceiros pelas escolhas feitas, e isso faz com que o ser tenha medo de que uma decisão errada mude completamente o rumo de sua vida, fazendo com que, muitas vezes, o empirismo seja algo não suportável. Por este motivo, cada pessoa tem a liberdade de fazer aquilo que bem entender, pois ela será a sofredora da angústia derivada de suas decisões.

Decidir não ter filhos deve ser encarado com muita seriedade e certeza; pois, se por ventura, acontecer um arrependimento futuro, pode ser que o resultado dessa decisão seja irreversível, principalmente se ela for tomada em uma idade tardia. O sistema biológico humano, especialmente o da mulher, possui prazo de produtividade finito; assim, ao optar por não ter filhos, o casal precisa estar ciente de que talvez isso não possa ser mudado pelos meios biológicos e, sendo eles responsáveis por essa decisão, é necessário ter consciência de que poderão carregar a angústia do arrependimento por muito tempo. Outro fator que deve ser ponderado na tomada dessa decisão, é que as pessoas tendem a fazer suas escolhas baseadas no momento em que estão; sendo que estes são mutáveis, o que satisfaz alguém hoje, pode não ter o mesmo efeito em um tempo ulterior.

3 METODOLOGIA

Este estudo consiste em uma pesquisa descritiva, que de acordo com Gil (2010), propõe-se a estudar os fatores que aparecem no tema pesquisado e descrevê-lo. Classifica-se ainda, com fins qualitativos em sua elaboração, pois trabalha com a busca por interpretação, valores e crenças (MINAYO; GOMES, 2011) e buscou-se compreender quais são os motivos que levam casais, heterossexuais residentes em Sete Lagoas-MG, à opção voluntária de não ter filhos.

Primeiro foi feito um levantamento bibliográfico dos artigos atuais e referentes à temática: casais sem filhos por opção, retirados das plataformas *Scielo* e *Pepsico*. Em seguida, com o objetivo de coletar diretamente os fenômenos que ocorrem na realidade pesquisada (PRAÇA, 2015), realizou-se a pesquisa de campo. Como ferramenta de coleta de dados utilizou-se uma entrevista semiestruturada, para dar diretrizes às conversas; sendo dividida em três blocos: o primeiro bloco compreendendo o contexto e a história pregressa dos indivíduos que tomaram essa decisão; o segundo compreendendo o contexto e a história do casal ao tomar essa decisão e o terceiro compreendendo e reconhecendo os valores e fontes de apoio/angústia do entrevistado.

A pesquisa foi realizada no ano de 2019 e teve a participação de 5 casais, sendo feita com cada componente de maneira individual, totalizando 10 entrevistas para que se pudesse ter um entendimento maior sobre a decisão, sem influências. As escolhas dos participantes aconteceram por conveniência; o número de casais foi limitado devido ao tempo e disponibilidade deles e do entrevistador. Os entrevistados estão representados pelas iniciais do nome de cada um¹. Foram assegurados os direitos de anonimato e sigilo; além de preservar a liberdade de responder ou não a qualquer pergunta em qualquer momento da entrevista.

Neste estudo, optou-se pelos seguintes critérios de inclusão: casais heterossexuais, casados, sem filhos, residentes em Sete Lagoas-MG; concordância de ambos em participar do estudo e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os critérios de exclusão para a pesquisa foram o não estabelecimento de faixa etária mínima ou máxima; tempo de matrimônio e a recusa em assinar o TCLE.

Para análise dos dados, foi realizada a transcrição na íntegra dos discursos e o material foi ordenado e apreciado utilizando-se a análise de conteúdo de Bardin (2011). Com o objetivo de compreender o conteúdo das mensagens, as respostas dos entrevistados foram analisadas em concordância com os objetivos propostos e chegou-se às seguintes categorias,

¹Tabela anexo B

posteriormente analisadas: a) Família: Existe um modelo? (b) Mãe-Pai: Ser ou não ser, e por fim, (c) Opinião dos outros? Não ligo muito, não: Será?

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Por meio da análise fenomenológica dos dados, antecedida pela leitura do conteúdo transcrito das entrevistas gravadas e seguida pela identificação das informações que estavam de acordo com os objetivos propostos, alcançou-se as seguintes categorias, que foram posteriormente analisadas: (a) Família: Existe um modelo? (b) Mãe-Pai: Ser ou não ser? e por fim, (c) Opinião dos outros? Não ligo muito, não: Será?

4.1 FAMÍLIA: EXISTE UM MODELO?

A família tradicional - pai, mãe e filho, sempre foi tida pelas sociedades como uma instituição de ordem. Sair desse modelo tradicional, portanto, é algo novo; mas que tem se mostrado real e de grande relevância. Como quase toda mudança causa estranheza e, às vezes afastamento, é importante que as novas configurações familiares sejam estudadas para que se possa ajudar (no entendimento desses novos modelos e para respaldar aqueles que não querem encaixar-se nos antigos moldes). Dentro desses novos arranjos, surgem as famílias monoparentais por escolha, as pluriparentais, as homoparentais e aquelas formadas por casais que optam por não ter filhos; mostrando, assim, que essa instituição ainda pode sofrer significativas mudanças nos tempos vindouros (RODRIGUEZ; GOMES; OLIVEIRA, 2017).

Quando se falava sobre família, logo se pensava em um núcleo consanguíneo e relações onde o amor predominava, sentiam-se amados e completos aqueles que possuíam uma família, composta por pais e filhos com mesmo sangue. No decorrer das entrevistas, foi possível perceber que, atualmente, esse padrão para a afetividade deixou de ser a única opção, uma vez que esses casais encontraram através de suas relações conjugais a satisfação e a certeza de ter um no outro aquilo que os completa, formando assim uma família.

“[...] tem que ter filho. A mulher só é completa quando tem filho e eu não acho isso; eu não me sinto incompleta, eu me sinto completa porque primeiro tenho Deus, Ele completa tudo e segundo que o meu relacionamento com meu esposo é tão bom que a gente não sente necessidade de ter algo a mais” (S.S.M.B casal 1).

“Quando eu era mais nova eu pensava: ai, eu quero ter um filho pra constituir uma família. Mas não, fui vendo que não preciso do filho pra ter uma família” (G.R.S casal 5).

Observou-se também que a opção por não ter filhos, não é oriunda de um não gostar de família ou crianças, assim como aponta Neto *et. al.*, (2016), mas ao contrário, os entrevistados demonstraram uma percepção ampliada do conceito de amor e de família.

“Não é porque não tenho filho que eu não tenho carinho por uma criança, eu amo criança e aqui fica cheio de criança. As pessoas acham que a gente não gosta, que a gente não vai dar carinho. E pelo contrário, aqui fica cheio de criança, vizinhos, filhos da irmãs da igreja. As crianças me adoram também, adoram ficar aqui em casa” (S.S.M.B casal 1).

“Filho não é uma questão só de genética, sabe? A gente pode ter filho de várias formas, é uma questão mais de afeto, né? A gente pode tratar como filho um afilhado, um sobrinho, o filho de um amigo. Então, essa questão de afeto é o que a gente faz. Temos afilhados muito próximos, estão sempre frequentando nossa casa, a gente tem um sobrinho que temos muito afeto por ele, tratamos como filho” (S.V.B. Casal 4).

Outro aspecto que merece destaque, é o lugar da mulher nesse contexto, visto que a pressão para que esta tivesse descendentes era muito grande, pois isso era tido como status social e fazia com ela fosse valorizada perante a sociedade. Assim, elas tinham papéis já definidos e delimitados; eram vistas como reprodutoras, sendo também as responsáveis pelos cuidados domésticos e zelo dos filhos. Havia poucos métodos contraceptivos, o que fazia com que muitas relações sexuais acabassem gerando descendentes indesejados. Graças aos avanços na medicina, foi possibilitado à elas a escolha de serem mães ou não (GRADVOHL, 2015).

Portanto, na contemporaneidade, esses são padrões cada vez menos comuns, uma vez que a mulher torna-se cada vez mais independente para tomar suas próprias decisões.

“Desde o início ela já não era muito propensa a ter filho, ela já não queria” (L.H.G.S. Casal 1).

“Eu já conversei com ele sobre isso logo que começamos, porque eu tenho pensamento assim desde sempre: que eu não quero ter filho” (B.S.R. Casal 3).

“Filho não vou ter mesmo, não. E não ter mesmo foi opção, eu usei todos os métodos contraceptivos que tinha jeito para não ter mesmo, porque não é uma vontade minha” (A.P.S.B. Casal 4).

As entrevistas, então, mostraram que ocorreram mudanças nas configurações familiares e que essas diferenças abrem mais possibilidades de escolha para as pessoas em relação ao tipo de família que querem ser.

4.2 MÃE-PAI: SER OU NÃO SER?

Respaldado pelo estudo de Caetano *et. al.*, (2016), percebe-se que há, em decorrência das constantes mudanças que têm acontecido no conceito e na estrutura da família, um aumento no número de casais que optam por não terem filhos, seja por motivos profissionais, financeiros ou pela busca ininterrupta de realização pessoal. Isso corrobora com o entendimento de que a família é uma estrutura mutável, que está sempre se adaptando aos anseios de cada sociedade e época.

Durante as entrevistas, foi possível ver que um dos fatores mais predominantes como justificativa para não se ter filhos estava diretamente ligado ao campo financeiro, pois este apareceu várias vezes no decorrer das conversas. Alguns, além de não estarem dispostos a se abdicarem do lazer pessoal, preocupavam-se também com os gastos a longo prazo relativos a filhos. As próximas falas são alguns exemplos das afirmações encontradas.

“A gente sempre achou que um filho para gente iria atrapalhar um pouco os planos que a gente tinha para o futuro: viajar e curtir um pouco mais a vida. Foi uma questão, na época, financeira; a gente achava que um filho ia ser um peso financeiro na vida da gente; e na época que a gente casou a gente não tinha essa possibilidade de dar uma qualidade de vida boa pra um filho como a gente queria, isso também influenciou” (S.V.B. Casal 4).

“Falando no custo-benefício primeiramente que uma criança tem, se eu fosse ter um filho seria muito bem tratado; então, o custo benefício hoje de um filho desde criança até uma faculdade é muito caro, isso a gente sabe” (S.S.N. Casal 5).

“[...] uma observação que quero acrescentar aqui é que eu não estou disposto, no momento, a abrir mão das minhas coisas. Eu e minha esposa gostamos muito de passear, viajamos uma vez no ano, não estou disposto de abrir mão dessas coisas que eu tenho hoje para dar isso tudo para o meu filho” (L.H.G.S. Casal 1).

Foi possível inferir em uma das entrevistas que a busca por estabilidade financeira também mostra-se relevante na tomada da decisão de não ter filhos. Visto que vive-se em uma sociedade cada vez mais consumista, obter estabilidade financeira é determinante para conseguir adquirir produtos e serviços que são tidos como facilitadores do cotidiano ou mesmo aqueles que satisfaçam um desejo pessoal e, essa estabilidade, muitas vezes, dá-se

através de estudo e qualificação profissional, o que requer tempo, energia e dinheiro (BERNARDI, 2017).

“[...] trabalhar pra oferecer uma condição de vida estável para mim e minha esposa. Uma condição de vida boa, de poder entrar em um lugar comprar, as coisas sem ressentimento de ‘ai como que eu vou pagar’? Sem essa preocupação; buscar sempre uma maneira de viver uma vida tranquila, uma vida saudável, poder passear, viver o que a vida, o mundo tem pra nós” (L.H.G.S Casal 1).

Observou-se que, individualmente, alguns dos entrevistados já nutriam o desejo de não serem pais desde o período da adolescência; mostrando, assim, que nem sempre os motivadores que levam a essa decisão estão diretamente ligados a fatores externos, mas também com desejos de cada um (CAETANO; MARTINS; MOTTA, 2016).

“[...] desde os meus 15 anos de idade eu já tinha a ideia de que não queria ter filhos; eu pensava na ideia de ter uma criança que fosse parte de mim e não era o que queria” (B.S.R. Casal 3).

“Eu nunca tive vontade de ter filhos, desde adolescente. Assim, eu nunca tive essa vontade, nunca sonhei em ser pai” (U.L.F. Casal 3).

“Nunca quis ter filho, de 18 a 24 anos até hoje eu nunca mudei de ideia sempre carreguei isso na minha mente em optar por não ter filhos” (S.S.N. Casal 5).

Outro fator destacado pelos entrevistados para a não paternidade/maternidade foi uma preocupação com a possível distorção que os filhos possam fazer do que forem ensinados, destacando também um incômodo e uma dificuldade em lidar com a impossibilidade de controlar as escolhas que eles talvez façam; como mostram alguns exemplos abaixo:

“Você põe um filho no mundo, você não sabe as escolhas que ele vai fazer, por mais educação que você deu para ele, né? Infelizmente tem influência de outras pessoas, né? De criança, de outros adolescentes; então é complicado isso” (B.S.R. Casal 3).

“Eu creio que o que mundo oferece hoje em dia não é bom para as crianças. Eu falo porque a gente vê muita coisa ruim hoje no mundo e qualquer criança está propícia a isso, mesmo que a gente dê a melhor educação em casa; infelizmente da rua pra fora a gente não manda. Então, o mundo infelizmente tem coisas boas, mas tem mais coisa negativa do que boa” (S.S.N. Casal 5).

A vida não é passível de ser controlada. Ter filhos torna essa condição da existência humana ainda mais evidente, tanto pelo fato de que não é possível controlar como será o filho (seu temperamento, sexo, condições de saúde, aparência, gostos...), e nem mesmo se haverá

condições emocionais/financeiras/físicas de cuidar de suas necessidades, quanto pela angústia que pode gerar ao se fazer a escolha por não ter filhos hoje, mas não ter o poder de controlar se esse desejo será o mesmo daqui a alguns anos. E se mudar de ideia e for tarde demais?

4.3 OPINIÃO DOS OUTROS? NÃO LIGO MUITO, NÃO. SERÁ?

Comprovando o estudo de Santos (2015), a angústia é algo que está intrínseco na vida humana; vida esta que é impossível de ser regulada. Cada escolha feita implica alguma perda, o que pode trazer o aparecimento de decepção, culpa e arrependimento pelo fato de conscientizar o homem como o ser responsável por suas escolhas e, conseqüentemente, pelas frustrações que elas podem originar.

A sociedade de maneira geral, espera que um casal casado tenha filhos no decorrer da relação. Quando essa expectativa não é alcançada, esses casais podem sofrer pressão ou algum tipo de preconceito, principalmente por parte de entes familiares e amigos. No curso das entrevistas, foi possível perceber isso; pois a maior parte dos que foram entrevistados relataram que sofrem ou já passaram por esse tipo de situação. Entretanto, eles relataram que não padecem por isso, pois foi uma decisão estabelecida e apoiada mutuamente, como pode ser observado abaixo:

“Foi uma decisão bem tranquila no sentido (que igual eu falei) já vim com essa ideia desde mais novo. Então, já estou preparado, sabe? Eu não vou sentir aquele baque, porque se eu quisesse ter um filho e ela não, talvez eu ficaria sentido com isso, mas os dois com a mesma ideia... então acho legal que é um consenso, entendeu? Hoje em dia eu não faço tanta questão de opinião dos outros, não. Para mim, falou entra no ouvido e sai no outro, não ligo muito, não” (S.S.N. Casal 5).

“Eu acho que sofremos pressão sim, às vezes da família, às vezes do pessoal da igreja, vizinhos, pessoas que a gente convive mais, sabe? Isso é muito ruim, porque às vezes a pessoa te julga pelo fato de você não ter filho, sabe?” (S.S.M.G Casal 1).

O livre-arbítrio é um conceito amplamente conhecido e disseminado pela sociedade; todavia, quando essa liberdade de escolha opõe-se aos padrões existentes, esse conceito parece não ser de grande valia, surgindo contestações concernente à decisão tomada (BERNARDI, 2018). Assim, mesmo que todos sejam livres para fazer suas escolhas, observou-se durante as entrevistas que essa liberdade é, muitas vezes, questionada e incompreendida. Pode-se perceber isso através da fala de dois entrevistados que disseram ter

passado por uma situação constrangedora pelo fato de não terem filhos; ou seja, por estarem em desacordo com as regras impostas pelo meio de convívio.

“Fui dar uma opinião para uma pessoa de como educar o filho, de como fazer com o filho, me entristeceu muito porque me falou assim: ah, você não pode falar nada porque você não é mãe, sentimento de mãe é outro. Isso dói, porque eu tenho sentimento; antes de ser mãe eu acho que a pessoa tem sentimento, independentemente de ser mãe ou não. Então, isso dói, pesa muito. Porque não é porque não tenho filho que eu não tenho carinho por uma criança. Eu e meu esposo decidimos que a gente não vai opinar mais nada a partir de agora, porque já que a gente não tem filho, né? Só quando tem filho que pode falar” (S.S.M.G Casal 1).

“Eu tenho colegas de trabalho de onde eu trabalhava, que foram contra. Hoje são pais falava pra eu ter. Eu falava que não queria ter e eles falavam: ah, porque você não quer ter filho? Filho é a coisa mais maravilhosa desse mundo. Eu falava que não, só que fui muito criticado por eles. Cheguei a sair da conversa, sair do local, por acharem que eu deveria ter filho, e que teria que ser novo pra aproveitar mais e tal, que filho é uma maravilha, que filho é Deus. Imagino que filho deve ser bom mesmo, que realmente é uma benção, mas eu não quero” (S.S.N. Casal 5).

Ao analisar esses dois excertos, percebe-se que há um julgamento por parte daqueles que são pais em detrimento dos que não são. Esse julgamento pode afetar o meio de convívio social, uma vez que os que pensam e agem de forma díspar, costumam ser alvos de críticas ou motivo de zombaria, o que pode fazer com que esses sujeitos se afastem dos demais; como relatado na última fala. A existência e manutenção desses estereótipos podem e devem ser discutidas à luz da psicologia, visto que essa ciência possui embasamento para promover tal debate que ainda é um tabu na sociedade, na busca de oferecer melhor qualidade de vida para os casais que tomam essa decisão. O prejulgamento, o não acatamento de que pode existir a preferência pela não paternidade/maternidade é, ainda, um fato presente na realidade de cônjuges que sentem-se calcados e marginalizados pela sociedade (CAETANO; MARTINS; MOTTA, 2016).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos resultados obtidos na pesquisa, foi possível inferir que os casais sem filhos se sentem livres e responsáveis pela escolha. Assim, nenhum fator como heranças emocionais, patologia ou outro motivo foi identificado para justificar tal decisão, além do simples fato de não desejarem exercer a maternidade/paternidade por se sentirem realizados e completos com a família que construíram como casal. Os resultados demonstram que, apesar

de sujeitos autônomos e convictos de suas escolhas, pessoas próximas reproduzem pensamentos conservadores realizando discursos que podem gerar constrangimentos, afetando a vida social desses casais, em especial as mulheres, que são cobradas a exercer a maternidade, como um papel indissociável da mulher, reforçando o patriarcado, ainda, mantido na sociedade.

Dessa forma, é socialmente importante que pesquisas voltadas para essa questão sejam desenvolvidas a fim de proporcionar uma visibilidade para essa moderna configuração da família na sociedade brasileira, ainda permeada por ideologias e visões conservadoras, que em muitos casos rejeitam, ferem e excluem tudo o que se apresenta de forma diferente do padrão socialmente estabelecido, rompendo com a liberdade individual, negando-se a compreender as diferentes formas de existir. Ressalta-se aqui, a importante contribuição da psicologia como uma ciência que deve se colocar em um lugar de luta e resistência aos movimentos socialmente impostos, que ferem a existência do outro, legitimando as escolhas, bem como a subjetividade de cada um. É preciso que a psicologia ocupe o seu lugar na luta contra toda e qualquer forma de discriminação, inclusive no respeito e conhecimento dos novos modelos familiares.

O presente estudo limitou-se à participação de 5 casais heterossexuais da cidade de Sete Lagoas-MG. Essa limitação se deu, também, pela falta de estudos atuais, uma vez que foram usados artigos dos últimos 5 anos. Ademais, todos estes foram da língua portuguesa e, em sua maioria, tratavam quase que exclusivamente da mulher, deixando o homem em segundo plano. Entretanto, a análise deste estudo propicia um entendimento mais completo no que tange o conceito de família, alcançando as novas configurações que se estabelecem rompendo com paradigmas e premissas historicamente enraizadas na sociedade.

Por fim, vale frisar que há uma carência muito grande de estudos mostrando a visão do casal que não deseja de ter filhos, posto que os estudos brasileiros estão focados na mulher; o que pode fazer com que elas acabem sendo responsabilizadas, injustamente, pela influência na decisão. Assim, sugere-se que novos estudos que enfatizem a perspectiva do casal sejam realizados, tornando essa temática mais perspicaz.

REFERÊNCIAS

AREOSA, C. Virgínia. BULLA, C. Leônia (2015) **O envelhecimento humano e as novas configurações familiares: o idoso como provedor.** Disponível

em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087420492010000100008&lang=pt>. Acesso em: 13 de Fevereiro de 2019.

BERNARDI, D; CARNEIRO, F. Terezinha; MAGALHÃES, S. Andrea (2018). **Entre o desejo e a decisão: a escolha por ter filhos na atualidade**. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/ctc.2018.112.02>>. Acesso em: 29 Março de 2019.

BERNARDI, Denise (2018). **O adiamento do projeto parental na contemporaneidade**. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ins/index.php/MUD/article/view/8195>>. Acesso em: 22 Março de 2019.

BERNARDI, Denise. **O projeto de ter filhos: Desafios contemporâneos sob a ótica de homens e mulheres**. Departamento de Psicologia. III. T, Rio de Janeiro, p. 12-29, jan. 2017. Disponível em: <http://www.psi.puc-rio.br/site/images/psi_puc/Dissertacoes_2017/Denise_Bernardi.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011. Acesso em: 15 de set. 2019.

CAETANO, Carolina; MARTINS, S. Maristela; MOTTA, C. Romilda (2016). **Família contemporânea: estudo de casais sem filhos por opção**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2016000100004>. Acesso em: 28 Março de 2019.

CORDEIRO, João Henrique; LIMA, Deyseane Maria Araújo. **Os primeiros atendimentos de um psicólogo em formação: uma compreensão fenomenológico-existencial da narrativa**. Os primeiros atendimentos, [s. l.], ano 2016, v. 13, ed. 24, p. 37/59, 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/igt/v13n24/v13n24a04.pdf>>. Acesso em: 20 Setembro de 2019.

CRP. **Áreas de atuação do(a) Psicólogo(a)**. Disponível em: <<http://www.crp09.org.br/portal/orientacao-e-fiscalizacao/orientacao-por-temas/areas-de-atuacao-do-a-psicologo-a>>. Acesso em: 3 Abril de 2019.

FINELLI, Leonardo; SILVA, Jeanne; AMARAL, Renata. **Trajetória da família brasileira: o papel da mulher no desenvolvimento dos modelos atuais**. Humanidades, [S.L], v. 4, n. 2, jul. 2015. Disponível <http://www.revistahumanidades.com.br/arquivos_up/artigos/a67.pdf>. Acesso em: 11 Março de 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 . ed. São Paulo: Atlas 2010.

GRADVOHL, M. O. Silvia (2015). **Vivências de casais que optaram por não ter filhos**. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/312891>>. Acesso em: 28 Março de 2019.

GOTO, Tommy. A.; MORAES, Mak. A.B. **A concepção de fenomenologia para Edith Stein**. Revista Filosófica São Boaventura, v. 10, n. 2, jul./dez. 2016

IBGE. **DADOS CASAIS COM E SEM FILHOS**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 22 Março 2019.

_____. **Idéias Para Uma Fenomenologia Pura E Para Uma Filosofia Fenomenológica**. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

MONTEIRO, A. C. Alice (2015). **Ser mãe ou não ser: uma pressão sociocultural na contemporaneidade**. Disponível em: <<http://jornal.faculdadecienciasdavidacom.br/index.php/RBCV/article/view/671/320>>. Acesso em: 27 Março de 2019.

NETO, F. P. Élide. RAMOS, Z. Márcia, SILVEIRA, M.C. Esalva. **Configurações familiares e implicações para o trabalho em saúde da criança em nível hospitalar**. Porto Alegre, 2016, 19 p.

PEREIRA, C. Rodrigo (2016). **Novas configurações familiares: ética e moral**. Disponível em: <<http://www.rodrigodacunha.adv.br/novas-configuracoes-familiares-etica-e-moral/>>. Acesso em: 23 Fevereiro de 2019.

RODRIGUEZ, Brunella; GOMES, Isabel; OLIVEIRA, Danielly. **Família e nomeação na contemporaneidade: uma reflexão psicanalítica**. Est. Inter. Psicol., São Paulo, v. 8, n. 1, jan. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072017000100009>. Acesso em: 16 Fevereiro de 2019.

SOUZA, R. Heloisa. **"Tornar-se Mãe"**. Revista de Ciências Sociais, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 342-249, abr. 2015.

MINAYO, m. c. s. **o desafio da pesquisa social**. in: minayo, m. c. s.; deslandes, s. f.; GOMES, r. *pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 26. ed. rio de janeiro: vozes, 2007. p. 9-29

PEREIRA, E. Fernanda; MELLO, T. Villela. Docente do Curso de Psicologia. **O homem e a angústia existencial em Jean-Paul SARTRE**, Garça-SP, p. 1/8, 2016. Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/87BLW0hYmfXo34t_2013-5-13-16-3-56.pdf>. Acesso em: 20 Setembro de 2019.

PRAÇA, Fabíola Silva. **Metodologia da pesquisa científica: organização estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão**. Revista Eletrônica “Diálogos Acadêmicos”. “Diálogos Acadêmicos”, São Paulo, v. 08, ed. 1, p. 72/87, 1 jan. 2015. Disponível em: <http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627112856.pdf>. Acesso em: 16 Setembro de 2019.

SANTOS, Macson Silva. O portal dos psicólogos. **Angústia, adolescência e reestruturação de self na ótica humanista-existencial**. [s. l.], p. 1/13, 25 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1092.pdf>>. Acesso em: 20 Outubro de 2019.

SARTRE, Jean. P. **O Existencialismo é um Humanismo**. (Coleção os Pensadores) 3. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1987.

ANEXO A
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Casais sem filhos- motivos que levam casais heterossexuais residentes em Sete Lagoas/MG à opção voluntária de não ter filhos.

Pesquisador Responsável: Brenda Nathalie Oliveira de Souza

Pesquisador Orientador: Camila Marçal

Instituição Responsável: Departamento de Psicologia – Faculdade Ciências da Vida

Av. Prefeito Alberto Moura, 12632, bairro das Indústrias, - Sete Lagoas - MG – Faculdade Ciências da Vida – Sete Lagoas – MG, Cep 35.702-383. Tel.: (31) 3776-5150.

Prezado(a) participante,

Este é um convite para você participar, voluntariamente, de uma pesquisa que é parte de um trabalho de conclusão de curso em Psicologia, e tem como objetivo principal compreender quais são as motivações que levam casais heterossexuais a optarem, voluntariamente, a não ter filhos. Essas informações podem ser úteis para desenvolver futuros projetos de pesquisa e de intervenção relacionados ao atendimento de casais com o mesmo perfil. Gostaríamos de convidá-lo(a) a ser partícipe dessa pesquisa através de uma entrevista aberta que será gravada e, posteriormente analisada pela equipe responsável.

O tempo médio de duração é de 60 minutos. Informamos que a entrevista a ser desenvolvida não apresenta nenhum risco à sua saúde física ou psicológica. Entretanto, caso seja de seu interesse, após a entrevista, você poderá ser encaminhado para atendimentos psicológicos no Serviço de Psicologia Aplicada da Faculdade Ciências da Vida (FCV). Também garantimos o direito de não participação, se assim o desejar, em qualquer fase da pesquisa, sem que isso lhe acarrete prejuízo de qualquer natureza. Não será cobrada nenhuma taxa ou qualquer outro valor por sua participação. Em todas as etapas da pesquisa será garantido o sigilo e o anonimato.

Os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins desta pesquisa, bem como para elaboração de projetos de intervenção em Psicologia vinculados ao Departamento de Psicologia/FCV. As transcrições desta entrevista ficarão armazenadas no Departamento de Psicologia/FCV por um período mínimo de 02 anos, sob inteira tutela do professor responsável. Após esse período os arquivos contendo as gravações serão destruídos pelos próprios pesquisadores.

Desta forma, na expectativa de contar com a sua participação, agradeço a sua atenção e coloco-me à sua disposição para esclarecer quaisquer dúvida pelo e-mail brenda7lagoas@gmail.com.

Brenda Nathalie Oliveira de Souza

Graduanda do décimo período de Psicologia pela Faculdade Ciências da Vida.

AUTORIZAÇÃO:

Eu _____, declaro ter COMPREENDIDO as informações prestadas neste termo, DECIDO conceder a entrevista solicitada e AUTORIZO sua utilização no Projeto de Pesquisa. Tive oportunidade de fazer perguntas e tirar minhas dúvidas. Este formulário está sendo assinado voluntariamente por mim e concordo em participar do estudo, bem como autorizo a utilização das informações.

Estando de acordo, assinam o presente Termo de Consentimento em 2 (duas) vias.

Pesquisador Auxiliar

Participante

Pesquisador Responsável

Sete Lagoas/MG, _____ de _____ de 2019.

ANEXO B

Figura 01- Identificação dos participantes com nomes fictícios.

IDENTIFICAÇÃO	IDADE	SEXO	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE
S.S.M.G (Casal 1)	33 anos	Feminino	Secretária	Superior completo
L.H.G.S (Casal 1)	33 anos	Masculino	Almoxarife	Ensino Médio Completo
J.V.M.R (Casal 2)	28 anos	Feminino	Do lar	Superior Incompleto
L.H.P.R (Casal 2)	36 anos	Masculino	Vendedor	Ensino médio completo
B.S.R (Casal 3)	39 anos	Feminino	Atendente	Ensino Médio completo
U.L.F (Casal 3)	41 anos	Masculino	Funcionário Público Municipal	Superior Completo
A.P.S.B (Casal 4)	42 anos	Feminino	Assistente Administrativo	Superior Completo
S.V.B (Casal 4)	53 anos	Masculino	Advogado	Superior Completo
G.S.R (Casal 5)	23 anos	Feminino	Secretária	Ensino superior em andamento
S.S.N (Casal 5)	24 anos	Masculino	Entregador	Ensino médio técnico

Fonte- Criada pela autora

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Dados Pessoais

Nome:

Gênero:

Idade:

Profissão:

Escolaridade:

BLOCO 1. Compreendendo o contexto e a história pregressa dos indivíduos que tomaram essa decisão

O que influenciou na sua decisão por não ter filhos? Você tem alguma história ou algum momento que te marcou e que foi importante para você tomar essa decisão?

Em algum momento da sua vida, você pensou ou desejou ter filhos?

Você já teve outros relacionamentos, antes desse atual?

Em algum momento da sua vida, você (ou alguma de suas companheiras) já engravidou?

Qual a sua configuração familiar de origem? Os pais são casados? Separados? Como era o relacionamento dos pais? Quantos irmãos você teve? Quais eram as condições da sua família? Como era seu relacionamento com seu pai e com sua mãe?

Se você tivesse filho, que tipo de criação você gostaria de dar a ele(a)?

Se você tivesse filho, você seria um pai/mãe parecido com o seu, ou você seria algo bem diferente do que foram com você?

BLOCO 2. Compreendendo o contexto e a história do casal ao tomar essa decisão

Vocês estão casados a quanto tempo? Qual o tempo total de relacionamento de vocês?

Quando esse assunto surgiu a primeira vez entre vocês?

Quando vocês tomaram a decisão definitiva?

Quem tocou nesse assunto primeiro?

Como foi o processo de tomar essa decisão PRA VOCÊ?

BLOCO 3. Compreendendo e reconhecendo os valores e fontes de apoio/angústia do entrevistado

Quais são os valores que norteiam o seu viver? O que é a vida pra você? Pra que que a gente vive?

Você pertence a algum grupo/instituição religiosa? Quais são as crenças desse grupo sobre esse assunto?

Você tem alguma crença/espiritualidade, independente de religião? Essa crença é uma fonte de apoio ou de dúvida em relação à decisão de não ter filhos?

Você conhece mais casais que optaram por não ter filhos?

Quem te apoiou nessa decisão?

Quem foi contra essa sua decisão?

Como você lida com a opinião das pessoas sobre esse assunto e sobre sua decisão?

Já passou por alguma situação constrangedora?

Quais são seus maiores medos em relação à essa decisão? Você tem medo de se arrepender?